

EVA BRABANT-GERÖ: IN MEMORIAM.¹

Emmanuel DANJOY²

Résumé : Hommage à la psychanalyste et historienne d'origine hongroise Eva Brabant-Gerö, avec les principaux éléments de sa biographie et de son parcours d'historienne de la psychanalyse hongroise en parallèle avec sa participation sur plusieurs décennies à la revue *Le Coq-Héron*.

Mots clés : Eva Brabant-Gerö, histoire de la psychanalyse hongroise, *Le Coq-Héron*.

Resumo: Homenagem à psicanalista e historiadora de origem húngara Eva Brabant-Gerö, com os principais elementos de sua biografia e do seu percurso de historiadora da psicanálise húngara, em paralelo à sua participação durante várias décadas na revista *Le Coq-Héron*.

Palavras-chave: Eva Brabant-Gerö, história da psicanálise húngara, *Le Coq-Héron*.

¹ Texto inédito em português, previsto para publicação em *Le Coq-Héron* n.º 246, *Désirs d'apprendre: théories et expériences*, Érès, 2021.

² Emmanuel Danjoy, autor dessa homenagem a Eva Brabant-Gerö, é psicólogo clínico e psicanalista. Também é doutor em História das ciências e civilizações, pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e defendeu sua tese sobre «O tratamento moral da loucura no primeiro terço do século 19» (« Le traitement moral de la folie dans le premier tiers du 19ème siècle »). Membro do comitê de redação da revista *Le Coq-Héron*. Publicou, entre outros: «Le flux sémantique primaire» (com Pierre Benoît), *Le Coq-Héron* n.º 238, Érès, 2019, p. 58-63; «Éditorial», *Le Coq-Héron* n.º 222, Érès, 2015, p. 7-10. Organizador do número 168, *Françoise Dolto et la transmission de la psychanalyse* - cuja introdução é de sua autoria - e do número 222: *Psychanalyse et science: les liaisons dangereuses*.



Eva Brabant-Gerö deixou-nos em 29 de março de 2021, após um longo e corajoso combate contra a enfermidade, sem jamais interromper sua reflexão e seu trabalho editorial. Fazia parte do comitê da revista *Le Coq-Héron* desde 1982 e aceitara ser sua diretora de publicação em 2002. Estava em diálogo permanente com Judith Dupont e os membros da equipe e teve a iniciativa do número 246, sobre psicanálise e educação, previsto para setembro de 2021.

Nasceu em 12 de julho de 1935 na cidade de Budapeste. Deixou a Hungria quando tinha 21 anos, em 1956 e exilou-se na Inglaterra, vindo instalar-se na França no final dos anos sessenta. Na França, começou sua pesquisa sobre o movimento psicanalítico húngaro, ao mesmo tempo que seu percurso psicanalítico e estudos de psicologia, iniciados em 1968 na faculdade de Vincennes. Colaboradora técnica, em seguida coordenadora de projetos no CNRS, vincula-se no final dos anos setenta ao Centro de pesquisa histórica, onde desenvolverá sua tese, *História do movimento psicanalítico húngaro*, defendida em 1985 na EHESS (École des hautes études en sciences sociales). A tese será publicada em 1993, nas edições Harmattan, com o título *Ferenczi e a escola húngara de psicanálise*.

Paralelamente a seu trabalho de doutorado, que a fará conhecer Judith Dupont, esta convida-a, devido a sua competência sobre o tema, a ocupar-se da parte húngara e ferencziana das referências e notas da correspondência Freud-Ferenczi.

Passa a fazer parte do comitê de redação da revista *Le Coq-Héron* em 1982, após uma primeira publicação pessoal, início de uma longa participação, incluindo a organização de números e múltiplas publicações,

artigos pessoais, notas de leitura e tradução de textos inéditos em francês, essencialmente a partir do húngaro, mas também do inglês. Ela não deixará mais o comitê de redação da revista.

Participará de numerosos colóquios na França e no estrangeiro, ajudando a conhecer e apreciar a história da psicanálise na Hungria, que conhecia particularmente bem devido a seu domínio da língua que tanto amava. Muitos autores que atualmente tiram proveito dos textos dos psicanalistas desse país, devem-lhe um grande reconhecimento.

Fazia também parte dos fundadores da Aparté (Association de Psychanalyse et d'Anthropologie. Recherche, Transmission, Échange), da qual foi vice-presidente durante vários anos.

Até o final, guardou o vínculo com seus últimos pacientes.

(Pelo comitê de redação.)

PARA A AMIGA EVA.

Por ocasião de uma de nossas últimas conversas telefônicas, em que evocamos o número do Coq-Héron que preparávamos junto com Eva Landa, Eva tinha me dito : « Sabe, Manu, eu chorei quando Stalin morreu ! ». Sua confissão, que não continha nenhuma depreciação mas era bem reveladora do contexto de sua adolescência, levou-nos a precisar o tema de sua possível contribuição a esse número, «a educação sob regimes totalitários ». Com o nazismo, conhecera dois deles e via-se elaborar a partir disso e sem se limitar a sua própria experiência !

Eis aí uma característica de Eva: a partir de elementos próprios, conseguia produzir algo universal e comunicável. Assim os três períodos de sua vida não cessaram de se constituir como origem e desejo no que pôde transmitir aos membros do comitê de redação e leitores da revista, cada um desses períodos marcados por uma língua, um país e uma cultura. Primeiro o período húngaro e a língua materna, depois o primeiro país de exílio, a Inglaterra e enfim o país de adoção, onde passou a maior parte de sua vida.

Quando trabalhamos juntos com traduções nos anos oitenta, ela pôde dizer-me que o francês tinha chegado demasiado tarde em sua vida. Deixando a Hungria e sua língua materna aos 21 anos, tinha se refugiado na Inglaterra e o inglês tornara-se sua segunda língua e sua segunda natureza. Mas isso nunca fora possível com o francês, dizia-me então, que precisara aprender dez anos mais tarde. Parecia fazer-me entender que o inglês, ocupando o lugar da língua familiar, impedia a terceira de enraizar-se profundamente. Devo dizer que com o tempo e sua relação constante com a escritura, entre suas diversas culturas, acabou por adquirir confiança e uma real segurança.

Mas talvez também essa dificuldade para com a língua de sua terra de adoção constituía um compromisso nos investimentos entre cultura e língua; finalmente, lançar-se em traduções de textos húngaros permitia à exilada Eva limitar seu pesar, criado pela fuga da terra de origem e pagar uma parte de sua dívida. Eva me divertia com suas afirmações sobre a superioridade das paisagens ou da cozinha ou de não sei qual

aspecto da cultura húngara, defendia suas origens e defendia-se do esquecimento. E eu não me via disputar com ela o que levaria a melhor em matéria de superioridade.

Talvez seja também sua posição a meio-caminho da língua francesa que me estimulou a trabalhar a seu lado na tradução das novelas de Gésa Csáth. Assistíamos na época, no começo dos anos oitenta, ao seminário de Jean-Pierre Peter, foi lá que nos conhecemos; ela tinha tomado a palavra para evocar sua pesquisa e contar as novelas. Fui então impactado pela originalidade e a força desse autor e, em meu entusiasmo, afirmei que seria interessante publicá-las em francês. Foi o início de uma longa colaboração que, em 1988, levou à publicação de «Silêncio negro» nas edições Alinéa³. Trabalho de fôlego, exigente mas apaixonante, durante o qual restávamos cada um à margem do que separa duas línguas, em um vaivém permanente, um diálogo incessante para conseguir devolver da maneira mais justa aquilo que as palavras originais podiam exprimir e transmitir-lo a outros na outra margem.

Durante esses anos oitenta, Eva desenvolveu sua contribuição essencial ao Coq-Héron. Alguns anos antes, tinha deixado o departamento de sociologia onde ocupava uma função discreta e um lugar à parte : ela, que tinha fugido de um país do «socialismo real», não era vista como «politicamente correta» nesse universo povoado de intelectuais de esquerda mais sartrianos do que próximos de Camus. Mas foi no Centro de Pesquisas Históricas, um dos institutos de pesquisa da École des Hautes Études en Sciences sociales, também ligado ao CNRS, que Eva encontrou as condições para o desenvolvimento de suas pesquisas, livre para conduzi-las como desejava. Seu rigor e investimento apaixonado permitiram-lhe finalizar seu trabalho sobre a história do movimento psicanalítico na Hungria.

Paralelamente a sua tese defendida em 1985, assume um papel essencial, a convite de Judith Dupont, na elaboração do conjunto de notas e referências ligado à correspondência Freud-Ferenczi, cuja publicação se estende de 1992 a 2000. Trabalho extremamente meticuloso, pois tratava-se de reunir e redigir todas as notas que permitem ao leitor penetrar e compreender uma correspondência, sendo que, no caso das trocas epistolares entre Freud e Ferenczi, 1236 cartas foram descobertas !

Na revista Le Coq-Héron, o nome de Eva Brabant-Gerö aparece pela primeira vez em 1982, no número 84, intitulado : *História de uma «reação terapêutica negativa », O Culpado Inocente (O poeta Attila Jozsef e suas psicanálises)*. O artigo de Eva, um capítulo importante de sua tese, ocupa o essencial desse número, completado por alguns textos curtos relativos ao poeta. Essa primeira contribuição inaugura uma longa lista que não detalharei aqui, mas assim se inaugura sua presença no comitê de redação, não interrompida até seus derradeiros instantes.

E se Eva aceitou, a partir do número 169, em 2002, o título de diretora de publicação, é porque era a primeira na ordem alfabética e foi assim designada de maneira unânime pelo comitê. Na época, a revista passava da edição artesanal de Jacques Dupont, cuja tipografia fechava suas portas, às edições érés, que solicitavam que alguém fosse nomeado para esse posto. A escolhida foi Eva, que não tirava nenhuma vaidade desse título e apenas «emprestava» seu nome em benefício do coletivo !

³ Uma segunda edição aparecerá nas edições L'Arbre vengeur, em 2006, sob o título de *Le jardin du mage*.

Durante essas quatro décadas de participação ativa na revista, além das repercussões de seus trabalhos históricos conduzidos paralelamente, Eva interessou-se pelas línguas e a tradução, trouxe o que sua relação à psicanálise tinha nela produzido como experiência pessoal e o que seu percurso enquanto analista tinha constituído em termos de experiência clínica. Seu julgamento dos textos submetidos à revista era precioso e argumentado, graças a seu espírito crítico e sua cultura, tão vasta quanto pessoal. Sabia também tomar distância com humor, quando um debate assumia um tom demasiado passional, contribuindo assim à preservação do grupo e a sua capacidade de trabalho. Todos os membros do comitê que trabalharam a seu lado, preparando números ou traduções de textos, testemunham sobre o prazer encontrado nessa parceria.

Fez questão até o final dessa participação, que a ajudava a manter-se ativa, refletindo, trabalhando, embora sua doença a fatigasse e tivesse tendência a dissuadi-la.

Eva, tu te afastas de nós, levada pelo destino, parece-me que o fazes à tua maneira, como teu caminhar, teus passos, que a meu ver te caracterizavam e falavam do ritmo que te animava, regular e sem precipitação. Apesar de tua entrada no silêncio, ouvimos ainda na memória o som de tua voz, seu timbre, suas entonações, seu sotaque, voz também marcada por esse mesmo ritmo.

Eva, para terminar o que tinha vontade de dizer, sirvo-me de tuas próprias palavras:

« Somos todos obrigados a tecer laços, construir pontes, tanto entre o passado e o presente, como entre outros lugares e aqui, ou entre o mundo dos outros e o nosso. Mas aquele ou aquela que está ligado a duas culturas torna-se uma ponte viva. »⁴

Eva, agora que te afastas na outra margem, podemos dizer que conseguiste magnificamente dar-nos muito, com afeição, amizade e ternura.

Villeneuve St Georges, le 9 avril 2021

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRABANT-GERÖ, E., *Histoire du mouvement psychanalytique hongrois*, L'Harmattan, 1993.
CSÁTH, G., *Le jardin du mage*, tradução Eva Brabant-Gerö e Emmanuel Danjoy, prefácio de Eva Brabant-Gerö, L'Arbre vengeur, 2006.

⁴ BRABANT-GERÖ, E., *Histoire du mouvement psychanalytique hongrois*, L'Harmattan, 1993, p.12.